

Pedro da Fonseca, precursor de Suarez na renovação da metafísica

JOAQUIM DE CARVALHO
Universidade de Coimbra

Em 1577 saiu a público em Roma o volume I dos *Comentários* de Pedro da Fonseca (1528-1599) *in libros Metaphysicorum* de Aristóteles, e em 1597 concluía-se em Salamanca a impressão das *Disputationes metaphysicae*, de Francisco Suarez (1548-1617). São estes livros marcos capitais do pensamento filosófico peninsular e dos mais famosos títulos da bibliografia conimbricense.

À primeira vista, separa-os a distância que vai da glosa textual à construção sistemática ou, por outras palavras, da erudição filológica à reflexão metafísica. Fonseca é, no próprio juízo de Suarez, o autor de uma tradução tão “*elegans et dilucida, ut fere sine expositore a quo vis intelligi possit*”, e como crítico do texto da *Metafísica* de Aristóteles não faltam louvores ao seu labor gigantesco (A. Carlini; Ramón Ceñal, etc.); e Suarez, por seu turno, aparece aos olhos da crítica contemporânea, sobretudo depois do juízo de Martin Grabmann (1917), como o verdadeiro instaurador da investigação objectiva e sistemática da Metafísica, sem se vincular directamente à letra de Aristóteles.

Longe de mim a idêia de menosprezar o esforço genial do filósofo granadino no sentido de arrancar a Metafísica à tradição dispersiva da glosa e de sistematizar a respectiva problemática, especialmente da Ontologia, num corpo coerente e consistente. É este um facto assente e reconhecido, como é outro facto assente, embora ainda não tratado como desenvolvimento que merece, a necessidade de se ter presente o pensamento de Suarez, especialmente nos países protestantes, para a compreensão da filosofia moderna até Kant, sem esquecer incidências ulteriores, designadamente de Schopenhauer.

1927

Não pretendo, pois, diminuir Suarez nem revisar a generalidade dos juízos contemporâneos a seu respeito; pretendo tão somente notar que Fonseca não foi apenas um notável intérprete do pensamento de Aristóteles porque também deu expressão vigorosa e original a uma atitude metafísica que deve ser situada a par da de Suarez, na linha em que história e sistema se conjugam para investigarem os temas filosóficos mais necessários à fundamentação da Teologia.

Nesta ordem de idéias, não é agora oportuno investigar a biografia de Fonseca, aliás deficientemente conhecida, nem situar a sua obra de lógico, especialmente das *Institutiones Dialecticae* (1564), e de editor e intérprete de Aristóteles, quer em relação ao anterior aristotelismo retorizante dos humanistas do Colégio das Artes de Coimbra, antes da entrega do Colégio à Companhia de Jesus (1555), quer ao desenvolvimento ulterior dos *Comentários do Colégio Conimbricense*, quer ainda em relação aos propósitos e às conveniências pedagógicas da sua Ordem.

A consideração destes assuntos levaria longe e afastar-nos-ia do nosso objectivo imediato, que consiste fundamentalmente em chamar a atenção para a dupla configuração dos *Comentários* de Fonseca aos primeiros nove livros da *Metafísica*, únicos de que se ocupou como comentador.

Com efeito, os *Comentários* são, por um lado, obra de editor, tradutor e exegeta de Aristóteles, isto é, estabelecem o texto grego, apresentam a respectiva tradução latina, e explicam mediante *explanationes*, o pensamento do Estagirita; e, por outro, são obra de filósofo, principalmente no estabelecimento e resolução de *quaestiones*, cuja índole metafísica dita um tratamento completamente diferente do do filólogo, exegeta ou comentador, e cuja estrutura se apresenta quase sempre com independência em relação ao texto de Aristóteles.

Na verdade, basta atentar de modo geral no assunto e na sucessão das *quaestiones* para se lhes reconhecer o seu valor autónomo, isto é, a possibilidade de serem destacadas sem que o comentário perca o valor interpretativo nem elas próprias o valor que lhes é peculiar e como que independente do texto aristotélico. Nas *explanationes*, procurou acima de tudo explicar Aristóteles com o próprio pensamento aristotélico: *dedimus operam ut praecipuis quibusque auctoribus uteremur, ipso praesertim Aristotele*, como êle próprio declara; nas *quaestiones*

teve particularmente em vista *quae in philosophia potissimum probanda esse judicaremus*.

Daí, os *Comentários* representarem, sob o ponto de vista textual, a *explanatio* do pensamento aristotélico, e sob o ponto de vista doutrinário, o estabelecimento e a sistematização de alguns temas capitais da Metafísica, especialmente da Ontologia.

Levaria longe a indicação de todas as *quaestiones*: baste, por isso, deixar acentuado que nelas Fonseca se ocupa do objecto da Metafísica e da Ciência, dos universais, das causas, da matéria primeira, das formas substanciais, da teoria do ser, da analogia, do conceito, da contingência e dos futuros contingentes, da potência e do acto, etc., etc.

A sua sistematização da temática não apresenta a feição harmoniosa das *Disputationes Metaphysicae*, mas sem embargo do carácter algum tanto dispersivo cremos que as *questiones* de Fonseca mantém entre si uma travacção lógica, como partes de um todo, e devem ser consideradas como fonte e estímulo da enciclopédia metafísica suareziana.

São-no em primeiro lugar, pelo esforço de arrancar a Metafísica à glosa literal do texto aristotélico. Se as *Disputationes* afirmam clara e pujantemente a autonomia da Metafísica, as *quaestiones* de Fonseca assinalam a primeira tentativa afortunada deste esforço.

São-no, em segundo lugar, pelo método. O ritmo do pensamento de Suarez nas *Disputationes* tem o compasso do de Fonseca nas *quaestiones*. História e sistema dão-se as mãos em ambos para encontrarem a solução desejada; e além disto, a marcha dialéctica é num e noutro similar, no sentido de procurarem a solução conciliatória que compreenda e supere as soluções extremas.

São-no, na utilização de uma copiosa erudição histórico-filosófica e das correntes da Escolástica, sem esquecer o nominalismo e o terminismo, e são-no, finalmente, na relativa independência perante a tradição tomista, pois não cremos que deva ser tomado inteiramente à letra o juízo de Conze ao afirmar que Fonseca fôra "*ein recht orthodoxer Thomist*", pois como em Suarez é nele vivíssimo o sentido do concreto e do existente.

A história da constituição autónoma da Metafísica, em especial da sistematização da problemática ontológica, no trânsito do século XVI para o século XVII, deve, pois, tomar em consideração o esforço, gigantesco pela erudição e penetrante na profundidade e alcance da

visão, que Fonseca desenvolveu nas *quaestiones* insertas nos *Comentários à Metafísica* de Aristóteles.

A prova analítica esperamos da-la na edição autónoma das *Quaestiones*, convencidos como estamos que a cultura filosófica dos povos ibéricos e ibero-americanos, agora tão alentada pelo estímulo juvenil da Universidade de Cuyo, merece as fadigas de um trabalho que confirmará o juízo de Leibniz ao considerar Pedro da Fonseca um “génio incomparável” (*unvergleichlicher Geist*).